

Pauta: Panorama do gerenciamento de resíduos de Porto Alegre

PRESIDENTE BIGA PEREIRA (PCdoB): (10h15min) Estão abertos os trabalhos da presente reunião da Comissão de Economia, Finanças, Orçamento e do Mercosul. Bom dia. Estamos com o quórum da nossa comissão. Eu sou a Ver.^a Biga, estamos aqui com o Ver. Bosco, com o Ver. Ferronato; temos na nossa comissão o Ver. Juan, que está no exercício da vereança, pois a Ver.^a Mari está de licença, que é a presidente da nossa comissão, e o Juan já nos comunicou que vai chegar um pouco mais tarde; e o Ver. Robaina deverá chegar também mais tarde.

Vamos dar início à reunião, o tema é a questão do lixo. Está conosco, e nós agradecemos, o Sr. Arceu Rodrigues, diretor do DMLU; também o representante da Equipe de Gestão e Educação Ambiental do DMLU, Marco Salinas. Nós convidamos o secretário, está aqui o Sr. Vitorino Baseggio, que é o secretário adjunto da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos. Temos também a representação do Fórum dos Catadores de Porto Alegre, o Sr. Antônio Matos – seja bem-vindo –, a Ana Paula chegou também... A honra é nossa!

Nós chamamos esse debate exatamente porque nós já tivemos Porto Alegre como é referência na questão do lixo, da reciclagem e da trajetória da promoção de cuidados com o meio ambiente. A própria criação da secretaria foi a partir desse debate, e nós nos orgulhávamos de carregar esse protagonismo; Porto Alegre foi uma das cidades também pioneiras na implantação do sistema de coleta seletiva a partir dos anos 1990. Infelizmente, hoje a gente se depara com uma situação que passa a ser constrangedora, digamos, e, do ponto de vista econômico, nós estamos perdendo oportunidades de geração de empregos, da promoção do meio ambiente e do desenvolvimento econômico a partir do lixo. O nosso debate está colocado dessa forma e, principalmente – por isso nós convidamos, Ana Paula, vocês, por isso estão na Mesa –, nos preocupa a operação logística reversa, a nossa assessoria chama muito a nossa atenção para esse debate, e que os eventos da cidade sejam realizados pelas unidades de triagem, o que também é uma forma de a gente desenvolver a questão econômica.

Este é o debate, nós chamamos, inicialmente, o Vitorino Baseggio, que é o secretário adjunto.

SR. VITORINO BASEGGIO: Bom dia a todos, sou secretário adjunto da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos. Quero cumprimentar todos: Ver. Airto Ferronato, Ver. Bosco, companheiros de longa data; Abigail, nossa senadora; Paulinha, da Vila Pinto, que faz um belíssimo trabalho; Salinas, que tem propriedade pra falar sobre educação ambiental; e Arceu, sobre destino final. Nós reconhecemos que Porto Alegre, realmente, nos anos 1990, teve um percentual um pouco melhor do que nós temos hoje na coleta seletiva. Há mais ou menos uns dois anos – um pouco depois do início deste governo – a gente tem feito buscas ativas em parceria com o pessoal das nossas UTs tentando melhorar o percentual do recolhimento do reciclado, temos feito campanhas educativas com condomínios, com grandes comércios e restaurantes nessa região central, e temos grande dificuldades com os clandestinos. Sabemos que é difícil comparar o cenário dos anos 1990 com o de hoje, porque talvez aquela época a concorrência com o pessoal que faz reciclagem clandestina não fosse tão elevada como é hoje. A gente tem trabalhado bastante, inclusive tentando regularizar alguns deles, porque hoje todos vocês aqui, na casa de vocês, que é um uma pequena amostra do que acontece, se colocarem o resíduo para rua cinco minutos antes de passar a seletivo, alguém vai levar. Isso é muito diferente do que acontecia lá no início. Eu falo isso com propriedade, pois na minha casa acontece, nós temos que marcar horário e ficar seguindo pelo GPS o caminhão para não correr o risco de largar minutos antes e algum clandestino levar. E isso explica muito também por que nós temos tantos focos de lixo em Porto Alegre. Estão aqui dois colegas do DMLU que podem dizer bem. Nós recolhemos, três vezes por semana, focos de lixo, são muitos, são mais de 200 na cidade, que são frutos do clandestino. Antes, eles chegavam na tua casa, separava lá o que a ele interessava e o que não interessava ele deixava ali; hoje, ele leva o saco inteiro e tira o que ele quer e o que ele não quer descarta num foco irregular, em qualquer lugar na cidade, em qualquer esquina. Então é um desafio, sabemos

que é um desafio. Temos trabalhado muito para isso, tem projetos em andamento, inclusive prevendo concessão da coleta. A gente tem uma parceria boa com as UTs, tem projetos de melhorar as condições das UTs, que já, inclusive, vínhamos prevendo desde janeiro, a gente vem discutindo e a qualquer momento está para sair aí. A gente vai reajustar os valores que a Prefeitura paga às UTs, esse auxílio que a gente dá a elas.

Bom, está posto o desafio. A gente está aqui, fomos chamados aqui porque esse é um tema polêmico e desafiador, do contrário, nem precisaríamos estar aqui. Nós, mesmo lá nos governos populares, no passado, quando tivemos 9% da coleta, acho que foi esse percentual que se teve, eu acredito que tenha sido o máximo de 9%., ainda assim, estávamos muito distantes de outros países do primeiro mundo com relação a isso. E continuamos distantes, pois o percentual hoje é menor, e o desafio está posto. Obrigado.

PRESIDENTE BIGA PEREIRA (PCdoB): Obrigada, Baseggio. Nós passamos, imediatamente, para o Arceu Bandeira Rodrigues, diretor de destino final do DMLU.

SR. ARCEU BANDEIRA RODRIGUES: Bom dia a todos. Em primeiro lugar, eu quero dizer que é um assunto bom, aqui o Antônio e a Paula também sabem, a gente tem trabalhado muito, em primeiro lugar, em tentar revisar os contratos que nós temos com as Unidades de Triagem. Nós temos não um entendimento nosso, mas é um entendimento nacional, já é uma vitória que os catadores tiveram o fato de que eles são reconhecidos hoje, nas políticas públicas nacionais, em relação a poderem ser um dos atores da reciclagem e principalmente um dos atores da logística reversa, que são esses acordos que foram firmados a partir da política nacional de resíduos sólidos. Então, hoje o acordo nacional, o acordo firmado, o acordo setorial das embalagens preveem esses apoios. Não só o DMLU atua, mas também as associações de indústrias têm atuado, e a Prefeitura trabalha aí com várias mãos, então, para apoiar as unidades, o DMLU, na questão de fazer a coleta, aumentar a quantidade e a

qualidade dos resíduos coletados. E a gente tem também tentado aí melhorar, digamos, a qualidade desse contrato que nós temos com as UTs, para que se possa dar um melhor apoio, sabendo que está muito longe, ainda, da condição ideal, mas a gente tem um caminho bom para trilhar. E nós também trabalhamos com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, a partir de 2021, então, ali nós temos uma diretoria de empreendedorismo social, que é o João Ruy Freire, que trabalha aí, junto com as associações de indústria, e tem um planejamento de manutenção, reforma nas Unidades de Triagem. Inclusive, sabemos que ele está encaminhando aí, junto ao BNDES, um financiamento para promover reformas. E essas reformas vão priorizar o licenciamento ambiental de algumas unidades. Primeiro, são três unidades que serão contempladas. Qual é a vantagem de as unidades serem licenciadas? É o fato de que, além dos resíduos que a coleta seletiva destina para as unidades, as unidades têm licença e também podem receber resíduos de algumas empresas. O que são esses resíduos? São recicláveis que algumas empresas geram e que têm plano de gerenciamento, e os planos de gerenciamento obrigam que as empresas destinem a locais licenciados. Então, o licenciamento dessas unidades pode garantir que elas tenham acesso também a esse resíduo, que é um resíduo que certamente virá com uma qualidade muito boa. Vale também citar aqui um fato, que foi uma construção aí de muitos anos, foi em 2020 ou 2021, um trabalho em conjunto do DMLU e da SMAMUS, a gente conseguiu que o Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano e o Conselho do Plano Diretor fixassem gravame. O que é o gravame? O gravame garante que o local onde as unidades estão implantadas tenham diretrizes para o licenciamento ambiental delas. O que o gravame faz? O gravame separa, digamos assim, aquele lugar onde as unidades estão das diretrizes ambientais da unidade de planejamento, onde elas estão, permitindo que elas sejam licenciadas. Isso é um problema antigo que a gente tem, porque essas UTs foram se instalando em locais que o Plano Diretor não prevê o grau de interferência ambiental, digamos assim, daquele impacto. E o gravame, digamos, ele isola a unidade para fins de licenciamento, permitindo que se fixem diretrizes para que elas possam ser

licenciadas ali. Então, esse caminho do licenciamento ambiental das unidades é importante, porque ele vai permitir também que elas possam receber resíduos de empresas que precisam de licenciamento ambiental do destino do resíduo que geram.

Um outro fato que é importante também citar é que uma parte da renda das UTs é o pagamento dos contratos do DMLU e a outra parte é da venda dos recicláveis. Os contratos das UTs que estão contratadas conosco, todas elas prestam contas, vamos dizer assim, é uma condição do contrato do valor das comercializações. Eu fiz um levantamento, e, Antônio, foi depois daquela reunião que nós tivemos por último, para discutir os contratos, e vi que, em 2021, o valor que o DMLU pagou para as unidades de triagem foi, total, que tem contrato foi, R\$ 1,414 milhão, vamos arredondar para R\$ 1,4 milhão. E o valor de todas as comercializações das UTs contratadas foi de R\$ 7,295 milhões, somando todo o valor comercializado. Por que estou trazendo esse número? Porque me importa sempre entender que ainda fazendo a soma desse valor – do valor que vem do material vendido e o valor que o DMLU paga de apoio –, a gente vê que ainda talvez não dê uma renda adequada para todos os catadores. Então, acho que a gente tem que crescer um pouco a nossa renda, eu acho que também o valor do resíduo seletivo tem que ser melhorado, e isso é uma condição que pode ser, talvez, alcançada por meio do beneficiamento do material, para que o material que é separado pelas UTs possa alcançar um valor de mercado melhor. Então, a gente já tem aí o Comint, que é uma cooperativa de segundo grau, que visa fazer isso. Talvez a gente não tenha chegado lá ainda, mas acho que é um caminho que tem que se trilhar, porque é um fato mundialmente já consagrado o fato de que a reciclagem é um negócio economicamente muito viável. Mas talvez a melhor renda que o resíduo gere talvez não esteja indo todo para a mão de quem está trabalhando na reciclagem. Uma coisa que tem afetado muito a renda das unidades de triagem, e esse é um fato que a gente tomou conhecimento nas reuniões que têm feito junto com o Ministério Público, Defensoria Pública, é o fato de que o Brasil passou a importar aparas, e isso baixou muito o valor do material papelão. Há a necessidade de uma ação política

para que o Brasil pare de importar. Há uma lei federal que foi instituída no governo passado que permitiu a importação desse material e isso inundou o Brasil basicamente dessa matéria-prima, e baixou muito o valor de comercialização. Aparas de papel, e plástico também está vindo, todos os materiais recicláveis estão sendo importados. O Ministério do Meio Ambiente talvez tenha que ter uma ação nesse sentido. Então, esta reunião é boa, porque, como estamos num fórum político, talvez a importância de se ter uma ação política para que esses materiais, não sendo importados, o valor do material que é gerado aqui passe a ter um valor que remunere melhor o trabalho também de catadores.

Então esse é o início da minha contribuição, acho que é um bate-papo, não quero dominar todo o tempo aqui, falando, mas trazemos a nossa contribuição.

PRESIDENTE BIGA PEREIRA (PCdoB): Obrigada, Arceu. O Marco Salinas, representante da equipe ambiental do DMLU, está com a palavra.

SR. MARCO SALINAS: Bom dia a todos. Sou Marcos Salinas, diretor de gestão e educação ambiental. Só pra salientar alguns números, primeiro quero fazer algumas referências. Agora, no dia 7 de julho, a coleta seletiva completa 33 anos em Porto Alegre. Não corrigindo o secretário, mas só auxiliando ele, o melhor índice que Porto Alegre teve foi 7,3, na coleta seletiva. Hoje, nós estamos em 4.5. No início desta gestão, era 4.1. São melhoras pequenas, mas eu acredito que sejam significativas. Nós temos que contemporizar ainda todo um período pandêmico, pelo qual passamos, quando muitos profissionais saíram do mercado formal e encontraram nesse nicho o seu sustento, e isso tem retornado também, muito pouco, mas ainda tem retornado. Concordo com Arceu, mas eu acho que vale a pena destacar que nem sempre é terra arrasada. A gente, a partir desta gestão, começou a fazer o trabalho de busca ativa, que é cadastrar condomínios, porque a gente tem que entender um pouco da legislação, quando o resíduo se encontra na rua ele é de domínio do poder público; dentro do condomínio ou dentro da empresa, é do proprietário da empresa ou do

condomínio, que pode se desfazer ou dispor desse resíduo da melhor maneira possível. Há condomínios em Porto Alegre e empresas que vendem o seu resíduo. Nisso não existe ingerência do poder público, mas o que é destinado na rua é a atribuição do DMLU, da Prefeitura Municipal, e, a partir disso nós começamos a trabalhar. As agendas são públicas, talvez esse seja um problema a ser enfrentado, com os horários e dias das coletas, o que acaba também contribuindo, para que o informal saiba a que horas nós vamos passar e ele passar meia hora ou uma hora antes. Se eu não transformar a agenda em pública, ninguém vai conseguir dispor no dia correto também.

Nós temos alguns problemas ainda interessantes, um grande caminho para crescer, visto que hoje a gente recolhe em torno de 1.100/1.200 toneladas/dia de resíduos em Porto Alegre. Vai para a coleta seletiva em torno de 40/50 toneladas/dia, mas os nossos técnicos, principalmente da área do diretor Arceu, fizeram uma análise do que é o nosso transbordo, e nós temos um potencial de 250 toneladas diárias que têm potencial para serem recicladas e acabam indo para o aterro sanitário. Ou seja, nós temos muito a avançar, não estamos inertes a isso, seguimos trabalhando, conversando, através da educação ambiental. Para vocês terem uma ideia, a gente já fez mais de 700 ações desde o início deste governo, já percorremos toda a rede municipal de ensino, trabalhando a formação desde a idade mais tenra, temos trabalhado as escolas estaduais que estão dentro do limite do Município, empresas, condomínios, inclusive certificando condomínios de boa prática, onde conseguimos cadastrá-los através dessa busca ativa e o DMLU se encarrega de retirar dentro do condomínio para que não seja disposto na rua, melhorando assim a qualidade do resíduo e a quantidade de resíduo. Ainda temos muito para avançar, mas só para deixar que não é terra arrasada, nós ainda temos um potencial grande, mas estamos fazendo. Talvez o que estejamos fazendo ainda esteja na velocidade adequada, mas estamos correndo atrás, tentando melhorar esse cenário. Inclusive agora fechamos os números, está bem atualizado – 4,5 – que é a apresentação do PM Giros, que devemos fazer essa semana para o prefeito, depois ele encaminha para a Câmara.

PRESIDENTE BIGA PEREIRA (PCdoB): Obrigada, Salinas. Agora quero passar para o outro lado da Mesa. Nós gostaríamos de ser uma economia a circular e incluir. A inclusão produtiva mesmo nas comunidades a partir dos catadores. Então, gostaria de ouvir o Sr. Antônio Matos, depois a nossa amiga Ana Paula. O Sr. Antônio Matos, do Fórum de Catadores de Porto Alegre, está com a palavra.

SR. ANTÔNIO MATOS: Bom dia, representação da Prefeitura, prazer te ver Ver.^a Abigail, nossa vereadora, ex-caxiense, agora porto-alegrense. Prazer, vereadores que já conheço há bastante tempo. Nós estamos acostumados, nós e o Fórum das Unidades de Triagem de Porto Alegre, eu e a Ana somos da coordenação, há mais pessoas na coordenação, mas nós estamos fazendo essa representação. Estamos acostumados a ir na COSMAM. Nós estamos acostumados com tempo a ir na COSMAM. Constatado que, nos últimos anos, com a nova direção da COSMAM – estou falando isso para vocês, não estão sendo chamados – significa que essa pauta não está rolando na comissão que trata da questão ambiental. É importante... Eu sou presidente da Unidade de Triagem do Campo da Tuca, nós tivemos uma reunião muito boa, acho que foi a primeira em que a COSMAM foi num galpão de reciclagem, eu acabei sendo o coordenador da reunião, o pessoal pediu para eu coordenar, embora a COSMAM é para o presidente coordenar. Eu não estou falando, assim, de forma crítica, não sei se o DMLU tem sido chamado, mas é importante a gente manter esses canais.

A gente está aqui não é só para demandar, para reclamar, um pouco é tradição do militante porto-alegrense, mas, se é possível dialogar e avançar, é melhor. Eu estava falando antes que, quando vinha o orçamento do ano que vem, esta comissão poderia nos chamar, para a gente ver o que vai vir para o meio ambiente. Porque nós fizemos a reunião, constatamos os problemas e depois a gente não dá o salto... Nós ficamos enjoados uma vez, que na COSMAM nós construímos com todos os vereadores uma grana boa e factível, não foi uma emenda chutada, que não ia acontecer, e o governo... O ex-prefeito, fraco

prefeito, talvez o pior da cidade dos últimos anos, o Marchezan, ele nem ligou para aquilo. Era uma grana que o DMLU poderia... Nós construímos uma emenda, negociada, não foi uma coisa que depois fica de lado, não foi, a gente sabe a responsabilidade para propor as coisas. Então eu acho que nós podemos fazer aqui, muitas coisas, já que a COSMAM não pautando... Se está pautando, eu não sei, tomara que esteja pautando a saúde, porque se não é alienismo puro. Eu queria só colocar rapidamente, depois a gente pode continuar, nós estamos, companheiradas, no pior momento da história da reciclagem em Porto Alegre. Qual é o pior momento? Estou falando de economia. A situação que aconteceu no Brasil, a gente vê na tv que tem desemprego, que tem gente faminta, isso bateu pesado em nós. O público da reciclagem é o público mais baixo do ponto de vista econômico, é o povo da... Não é coincidência, assim foi feito pela elite que comanda o Brasil há muitos anos. Se bater uma foto do nosso povo trabalhando, a maior origem é da mãe África. Então, estão muito perto esses assuntos, que falam que estão pegando gente trabalhando pela metodologia, se é que dá para chamar assim, da escravidão, mas está muito ruim. Nós recebíamos, há dois, três anos, um valor de 3X, hoje está 1,5. Baixou, baixou porque a crise econômica gera menos demanda da economia. Agora está se restabelecendo, nós estamos tendo uma quantidade de 70, 80, 60 toneladas/mês, mas não adianta se o preço fica pela metade. A Tetra Pak, que é aquela caixinha de leite, há pouco tempo nós vendíamos por R\$ 0,34 o quilo, hoje ela está por R\$ 0,16, está menos da metade. Essa é a questão, que depende não daqui, depende do Brasil. Tem uma frente que eu tenho me reunido seguidamente, estive há umas duas semanas aqui, com a Ver.^a Cláudia Araújo, mas que eu acho que poderia ser mais ousada. O Leo propôs que a gente deveria ir ao governo federal, eu usei uma expressão para dizer que tem que chegar em Brasília, porque não é possível as fábricas brasileiras estarem importando, aproveitando que o Brasil tem uma potência econômica em relação com os outros países da América do Sul, então lá o pessoal é capaz de estar recebendo R\$ 0,10 pela Tetra Pak; mas nós já recebemos R\$ 0,34, agora está R\$ 0,16. Então, nesse processo da economia, as fábricas brasileiras estão

importando papelão, as aparas de papel. É o papelão, é o misto, enfim, mas são somente as aparas de papel, as aparas de plástico também, que são uma imensidão de tipos de plásticos. Isso aí depende do governo federal, de parar, de colocar uma taxa em importação. Tem que nos proteger, proteger a economia brasileira, nós somos parte dessa economia, e nós poderíamos fazer isso, Biga, fazer mesmo, sabe? Terminar a reunião, se tu puderes, ligar lá para o vice-presidente da Indústria e Comércio....É possível isso, também do Meio Ambiente, mas nesse ponto que estou falando agora é o Alckmin. Ser ousado, ousado, mesmo. A gente quer, a gente quer fazer? Então, constatamos os problemas, vamos dar o passo. A proposição é mais ou menos 1 milhão de catadores no Brasil. É possível imaginar esse 1 milhão de catadores crescendo, a influência que terá na camada da população? É possível isso. A Prefeitura pode fazer muito, mas, em Porto Alegre, eu estou falando de Brasil, essa é uma proposta, não é? Outro dia falei com a secretaria, que aliás é um avanço, vereadores, a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social foi muito importante. Eu sempre pensei como é que um órgão de operativa, como é o DMLU, fica fazendo trabalho que não é dele, é um órgão de ponta. E, no organograma foi ajustado isso, o que tem nos ajudado muito. Mas é isso, queria, encerrando, dizer uma crítica: o governo, prefeito Melo foi eleito em 2020, assumiu em 2021, e o nosso maior problema, que é a falta de... Nós fizemos um papel de contratados da Prefeitura para fazer um papel que, na Constituição, cabe ao município, que é o trabalho urbano. E a gente não é pago por isso, a gente não é pago! Nós somos funcionários para fazer a triagem de todo o lixo de Porto Alegre, o lixo reciclável. Eu escutei a palavra lixo; na verdade, é resíduo. E a gente não tem o recebimento, a gente tem a proposta da prefeitura, entregue pela Prefeitura, que concordou conosco o pagamento por serviços ambientais. Nós estamos conversando, dialogando; a Prefeitura está representada pelo DMLU, SMAMUS, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, mas poderia avançar mais! O prefeito, no terceiro ano, nos chamou, nesse ano, não para fazer o pagamento de serviços ambientais, mas para nos dar um reajuste num valor que não é um repasse de verba, é uma... No caso, 5 ou 6 mil reais por mês para

pagamento da manutenção; então isso não vai para nós, pagamento de luz, água, telefone, internet, conservação do prédio, que é ruim viu, R\$ 5 mil não dá. Nós vivemos, só para entenderem, encerrando, da venda do produto que triamos. E vamos ver se a COSMAM se propõe a pautar para a gente fazer uma discussão, pode ser junto com todas comissões aqui da Câmara, uma campanha de educação ambiental mesmo, parar de falar nisso! É possível, quando vier a proposta orçamentária, a gente pegar uma parte ali, lá sei eu quanto, e fazer investimento. E não é assim, fazer uma campanha, vamos para as escolas, não sei quê, uma coisa que funcione. Eu já cansei de propor, vamos juntos até as redes de televisão, de rádio, vamos conversar, vamos chamar alguém, lá sei eu, alguma grande figura gaúcha, nacional, para falar. É uma vergonha Porto Alegre, a cidade de Porto Alegre, a classe média de Porto Alegre, que é forte, de cada 100 pessoas, só 4,5 fazem a coleta, separam, triam. Para onde vai o resto? O Arceu diz que foi tudo marco; não, que 250 toneladas seria quantas vezes mais, imagina. Eu não estou falando agora que vai ser bom para nós; evidente que vai ser bom para nós, que vamos ter mais produto para vender, mas vai ser bom para a cidade, vai ser bom para a questão ambiental, vai parar de... A Prefeitura gasta milhões onde se recolhe, nas casas, leva lá pra Lomba do Pinheiro, e começou o turismo dos resíduos, lá para Lomba do Pinheiro, bota num transporte muito grande, leva a 70, 80 quilômetros daqui – dinheiro público. Dá para fazer essa conta aqui, essa é comissão; é possível fazer essa conta, e vamos ver o que a gente está... Mas tem que fazer mesmo! É isso!

PRÉSIDENTE BIGA PEREIRA (PCdoB): Perfeito, Matos, nos trouxe grandes contribuições aqui; exatamente por isso debatermos nesta comissão que é de finanças e orçamento, porque esse é o entendimento, que nós estamos perdendo em não...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE BIGA PEREIRA (PCdoB): Enterrando, exatamente! Bacana quando tu trazes essa questão da educação ambiental; quer dizer, depois de 30 anos desse debate, se pensa que a conscientização da população já adquiriu um outro patamar, mas a gente vê também que as campanhas são esporádicas e dirigidas para um condomínio ou para uma empresa. Se a gente olhar na publicidade da Prefeitura, podia ser nesse sentido da educação ambiental, que deve acontecer constantemente. Tu comentavas aqui que eu vim de Caxias, sim, eu morei boa parte da minha vida em Caxias. Em Caxias, quando implementada essa coleta mecanizada, Robaina, já foram colocados os dois contêineres com cores diferentes, então um para o seletivo e um para o orgânico. E a população, a partir de muitas campanhas, assimilou e aderiu a essas campanhas; hoje, Caxias é uma das cidades que mais faz a coleta seletiva e que aproveita 22%. Aqui, nós estamos com 4,5%. Caxias chega a 22%, gente, é uma das cidades, Bosco, com melhor aproveitamento dos seus resíduos. Então, de fato, quando a gente traz esse debate para cá, é com essa perspectiva de que a gente olhe para esse potencial no sentido de gerar também, de forma que a economia e a inclusão social possam estar presentes. A Sra. Ana Paula Medeiros de Lima, do Fórum de Catadores, está com a palavra.

SRA. ANA PAULA MEDEIROS DE LIMA: Bom dia a todos os presentes; bom dia, vereadora. Aqui, já agradecendo, em nome do Fórum de Catadores, essa oportunidade de a gente poder debater essa situação grave que acontece em Porto Alegre em relação ao gerenciamento dos resíduos sólidos – e tudo o que envolve ele, na verdade. Eu anotei algumas coisas aqui em tópicos em relação ao que os representantes da Prefeitura trouxeram; vou tentar responder, justamente para que o debate seja bem participativo, com informações que contrapõem, inclusive, o que eles trouxeram. Por exemplo, a situação dos próprios clandestinos, que eu já considero o termo certo, que é informais, porque clandestinos é tão pesado para falar, e a gente sabe que essas pessoas, apesar de terem vários encaminhamentos errôneos, como a forma como descartam o seu rejeito, por exemplo... Esse é o meio de sobrevivência dessas pessoas.

Então tem que considerar muito mais a parte social envolvida com essas famílias do que realmente o prejuízo que elas estão trazendo para o Município.

Aqui é importante trazer, vereadora: a forma como a Prefeitura entendeu como estratégia emergencial para resolver a questão dos informais foi fazer um acordo com eles. Então a Prefeitura, numa questão de pressão, e a gente até não entende como que acabou sendo dessa forma, fez um acordo com esses trabalhadores, que se concentram principalmente lá nas ilhas; então hoje está disposto lá o contêiner de rejeito, pago pelo dinheiro público, sem essas famílias oferecerem, infelizmente, qualquer retorno para o Município. Dentro desse acordo, estava previsto que eles cessassem a questão da coleta informal dentro do Município de Porto Alegre, o que, obviamente, todo mundo, ao sair da sua residência, repara que não acontece. Então é um acordo que foi feito sem estratégia alguma e que não está dando certo. Então, assim como com os contêineres, desde 2014, que eles insistiram nessa estratégia – primeiramente, o contêiner verde e contêiner o cinza, viram que não deu certo, acabaram com o verde, e agora estão vendo que não está dando certo o cinza –, permanecem com acordos e estratégias que não dão resultados efetivos para o Município em relação a gerenciamento de resíduos. Isso é uma coisa que eu gostaria de trazer como contraponto.

Bom, pensando que esses trabalhadores vivem principalmente na questão de sobrevivência, e aí, é claro, a gente tem vários argumentos aqui em relação a esses trabalhadores, porque a gente sabe que alguns, inclusive, têm a questão de trabalho escravo, e a gente sabe, já foi identificado inclusive pelo Ministério Público, mas isso não somos nós que temos que identificar e apurar, tem órgãos específicos para isso. A gente tem os grandes geradores, que, na verdade, é quem a gente considera como nossos grandes concorrentes. E aí, nos grandes geradores, a gente inclui condomínios, órgãos públicos de todas as esferas – federal, estadual e municipal –, e a gente não encontra, inclusive, dentro do sistema eletrônico da Prefeitura, dados do encaminhamento desses resíduos em relação a esses órgãos públicos. Os que a gente encontrou, de uma pesquisa muito rápida, foi alguns federais, que em 2021, no alto da pandemia em que eles

trabalhavam em *home office*, eles geraram R\$ 300 mil para o próprio cofre do Ministério Público com a venda de resíduo, papel principalmente, para o próprio cliente que nós vendemos. E esse valor poderia minimamente dar sobrevivência na pandemia pras 16 UTs que são contratadas pelo DMLU. Então são contrapontos que são muito fáceis, qualquer pesquisa no Google a gente consegue encontrar essas informações. São essas coisas que a gente traz e que podem efetivamente mudar a realidade desses trabalhadores que estão dentro de UTs, que sobrevivem através da comercialização dos resíduos.

O outro concorrente que a gente coloca aqui são os fabricantes das embalagens, que fabricam as suas embalagens de forma descontrolada. Estudos e pesquisas de universidades mostram que estão fabricando resíduos plásticos que não entram dentro do ciclo da reciclagem. O Ministério Público Estadual está ciente disso, abriu um processo inclusive em relação a esses fabricantes, porque eles fazem embalagens que obviamente vão pro aterro, porque é mistura de polímeros, e, depois da mistura de polímeros, esses resíduos não podem mais ser reaproveitados. Então a gente entende que hoje, mesmo tendo a logística reversa cumprida por essas empresas, ainda não cobre o prejuízo que elas têm em relação à poluição ao meio ambiente. Então são dois concorrentes específicos e importantes que a gente precisa combater, e qualquer desses valores revertidos para esses trabalhadores que efetivamente impedem o aterramento de resíduos sólidos estão minguando dentro das UTs.

A outra questão que eu queria trazer aqui é que foi feita, vou me perder na data aqui, uma estratégia, através do fórum de catadores e a SMURB, muito parceiro inclusive na época, através de uma força-tarefa exigida pelo prefeito Melo, onde a gente pudesse trabalhar juntos, dialogar juntos, e o fórum de catadores poder sugerir várias estratégias a serem usadas, porque nós temos a experiência, nós temos a prática. Foram consideradas várias estratégias, inclusive encaminhadas pelo fórum de catadores, e se perdeu essa estratégia da força-tarefa. Aí a gente vê o pré-anúncio do que está acontecendo em relação ao gerenciamento de resíduos no Município. A outra questão que foi citada aqui é a concessão que nos apavora, obviamente. De 33 anos da coleta seletiva, há 27 anos eu sou

catadora, então passei por todos os tipos de mudanças de resíduos que foram criados, como também as gestões públicas que tiveram no Município. Então a gente sabe diferenciar as gestões que favorecem trabalhadores e as que não favorecem, vereadora. Então a concessão é uma coisa que nos assusta, não tem nenhuma participação popular em relação à concessão. Já teve pesquisa, já teve estudo das pretendentes para assumir a concessão, inclusive visitando as UTs, e a gente não sabe o destino das UTs diante dessa concessão de 30 anos. Essa é uma pauta extremamente preocupante pros trabalhadores das UTs.

A outra questão que eu queria trazer também, que foi dito pelos participantes, é essa questão das ações de hoje; realmente, está tendo mais diálogo, está tendo mais participação, a questão do envolvimento de representantes das UTs nesses espaços, porém a gente trata minimamente como uma reparação de direitos; são vinte anos que a gente não teve essa oportunidade. Então esse é um momento de reparação, não é um favor que a Prefeitura está nos fazendo ao nos chamar para dialogar, pra conversar sobre estratégias. Então a Prefeitura de Porto Alegre precisa entender que a dotação orçamentária, que por várias vezes já foi solicitada por este fórum de catadores pra dobrar o valor, nunca foi votada nessa Casa a favor. Eu acho que no mínimo umas duas vezes ela entrou em votação, de R\$ 1,5 milhão para R\$ 3 milhões e ela nunca foi votada a favor para esse pagamento de prestação de serviço dos catadores.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. ANA PAULA MEDEIROS DE LIMA: Para aumentar a dotação orçamentária em relação a pagamentos pelos serviços ambientais que a gente presta para o Município, que hoje é de R\$ 1,5 milhão, e que não cobre nem um terço das despesas das UTs.

Eu queria trazer aqui uma observação de que a gente tem três estágios aqui importantes pra dizer. Começou, na década de 1990, a construção das UTs, e a gente tinha um convênio de forma gratuita com a Prefeitura. Por que gratuita? E inclusive eu gostaria de afirmar que foram os melhores anos das UTs, porque o

resíduo não era moeda de troca; hoje em dia todo mundo vende o seu resíduo, condomínio vende o resíduo, órgão público vende o resíduo, pessoa física vende o resíduo, empresas vendem resíduos, startups coletam resíduo, todo o resíduo virou uma moeda de troca; porém, só o resíduo nobre. O resíduo que não tem valor para nas UT, e aí ainda é capaz das pessoas que avaliam isso, achar que isso tem valor; isso é extremamente contraditório.

A outra etapa que a gente teve, foi um convênio que nós tivemos onde foi estabelecido o pagamento de R\$ 2.500 mil para todas as 16 UT contratadas. Dois mil e quinhentos reais para custos de água, de luz, telefone, internet e todas as contas básicas que tem como qualquer outra empresa.

Em 2018 então através de uma exigência do marco regulatório, se passou para contrato, onde a Prefeitura, que a gente não consegue até hoje entender e nem a própria Prefeitura hoje soube nos explicar, que existe uma fórmula no nosso contrato que baseia o nosso pagamento. Em qualquer licitação, vereadora, que houver em relação à contratação de um prestador de serviço, o nosso contrato foge completamente, se comparado a outros prestadores de serviço no gerenciamento de resíduos sólidos em Porto Alegre. O nosso contrato foi elaborado pela gestão pública, ele não foi entregue por nós, não foi elaborado pelos catadores e isso até hoje. Desde o seu convênio gratuito até o contrato, todos os acordos foram elaborados e entregues da gestão pública para os catadores. Nós nunca tivemos a oportunidade de participar dessa elaboração, então isso sempre foi uma coisa que a gente tentou, e agora nós estamos junto com o Grupo GISA, que é um grupo interministerial, que são vários, e estão nos ajudando nessa nova elaboração do contrato.

A outra questão que eu gostaria de trazer aqui, que já falamos sobre a dotação orçamentária e trazendo tudo isso, obviamente fica muito claro aqui um racismo ambiental puro em relação a essa relação Prefeitura e catadores, pelo não reconhecimento desses trabalhadores tão importantes para Cidade de Porto Alegre. Gostaria de trazer aqui os dados que o Arceu trouxe, que em 2021 ele conseguiu somar R\$ 7 milhões de comercialização das UT. Eu gostaria de trazer que em 2021 foi a época melhor de venda em relação aos resíduos, porque foi

a época da exportação. Então todo nosso resíduo saiu do Brasil e isso alavancou um preço enorme dentro dos resíduos. Então sim foi um período muito bom. Em compensação a gente vive agora em 2023 a importação, que vem esse resíduo quase gratuito, onde o governo anterior baixou, consideravelmente, as alíquotas de importação e da matéria virgem, não sendo mais é atrativo os resíduos sólidos para reciclagem.

Complementando, eu fiz uma conta básica aqui que o Arceu trouxe: R\$ 7 milhões no ano de 2021, dividido pelas 16 UT de Porto Alegre dá R\$ 580 mil como renda no ano, isso dividido entre as 16 da R\$ 36 mil por UT, por mês, e dividido, na média de 40 associados, que é a média que tem dentro de UT, tendo UT que tem mais, isso dá R\$ 900 por mês para cada trabalhador, menos de um salário mínimo da época de 2021. Nesse período agora, e até gostaria que o Arceu também trouxesse os dados de 2023 para ver que os trabalhadores estão ganhando R\$ 600. Graças a Deus o auxílio agora se manteve e é o que está mantendo essas pessoas dentro desses espaços.

E por último, eu queria trazer a manifestação do Marco sobre a questão do modelo de educação ambiental, acho que melhorou e está melhorando. Acho que tem uma vontade, mas a gente tem aí modelos, a gestão anterior municipal ia para Londres, ia não sei pra onde para procurar – Paris -, estratégias de gerenciamento de resíduos, e nós estamos com todos os modelos aqui no Brasil. Os melhores modelos de gerenciamento de resíduos nós temos no Brasil. Santa Catarina em questão de resíduos está conseguindo reaproveitar 30 % do seu resíduo gerado dentro do seu Estado. E Canoas, aqui do lado, hoje está sendo considerado um dos melhores modelos de gerenciamento de resíduos sólidos, onde a prefeitura contratou os trabalhadores de UT para fazer educação ambiental dentro de espaços como escolas, órgãos públicos ou todos os espaços que eles considerarem específicos.

Então, vereador, eu quero ainda afirmar que dentro de todo elo do gerenciamento de resíduos sólidos as UT são as únicas que não recebem pelo serviço prestado ao Município de Porto Alegre. Então eu queria trazer hoje aqui

com uma vontade muito real de debate mesmo, e trazer, explanar informações que são importantes para população porto-alegrense saber. Obrigada.

PRESIDENTE BIGA PEREIRA (PCdoB): Obrigada, de verdade, a gente entende os aplausos porque os representantes aqui do fórum dos catadores de Porto Alegre, tanto o Matos, como a Ana Paula, além das informações que nos trazem, nos deram uma aula, não é colegas, vereadores? Nos deram uma aula para entender o setor hoje, mas toda trajetória que construiu e também as experiências que foram acumuladas e que, para nós, é de muita satisfação tê-los aqui e ter recebido esta aula, Matos e Ana Paula. Obrigada.

Gente, nós ouvimos os nossos convidados e agora, pela nossa dinâmica, vamos ouvir os nossos colegas vereadores da comissão, assim como depois a gente abre para quem está acompanhando a nossa reunião, que a gente sabe que tem pessoas que têm este debate e que gostariam de contribuir.

O Ver. Airto Ferronato está com a palavra.

VEREADOR AIRTO FERRONATO (PSB): Bom dia a todos e todas. Quero saudar os vereadores, em nome da nossa querida presidente hoje, Ver.^a Biga Pereira Abigail, João Bosco Vaz e o Roberto Robaina; o Sr. Vitorino Baseggio, adjunto; o Sr. Antônio Matos, nosso sempre vereador, é um lutador, está sempre conosco principalmente nesta pauta da reciclagem, assim como a Ana Paula que é de família de luta pelos catadores e pela reciclagem do lixo. Ana Paula, eu quero te cumprimentar, até porque tenho acompanhado muito, desde longa data, as tuas ações, assim como tua falecida mãe e outras pessoas que estiveram conosco. O lixo reciclado completa 33 anos, eu já estava aqui na Câmara como vereador no início da reciclagem e concordo com vocês que a reciclagem lá na do resíduo sólido, na década de 1990, era muito mais intensa do que é hoje. Nós começamos, Ver.^a Biga Pereira, numa proporção de atuação que era considerada boa na época, era um dos maiores índices do Brasil, em vez de aumentar essa percentagem de seletividade do resíduo sólido, ela vem diminuindo. Mas que bom que o senhor me diz que aos poucos está se

retomando esta necessária ação do porto-alegrense que é preguiçoso, na esmagadora maioria é relaxado, é muito mais fácil colocar tudo junto num balde e depois jogar na frente da casa e seja lá o que Deus quiser e ainda eles compreendem que estão fazendo tudo de bom para Porto Alegre, isso até criminoso. São 33 anos que eu brigo com a minha família, todos precisam reciclar, entre aspas, o nosso lixo, e é difícil.

Vitorino, meu querido amigo, tu dizes que na frente da tua casa o pessoal clandestino pega o saco de lixo, leva, e depois joga o que não quer num ponto qualquer. Tu tens bastante sorte porque na frente da minha casa o pessoal pega o saco de lixo, querido Antônio, coleta a latinha e o restante do reciclável é esparramado da frente da minha casa. No outro dia vem o outro que quer PET, abre o saco, coleta a PET e o restante fica ali. E o que é pior, o porto-alegrense relaxado e preguiçoso, quando tem algum lixo na frente da sua casa, é onde começa a acumular. Não é isso, Antônio? Se torna mais ou menos um espaço praxe de um foco. Eu não sei como se resolve isso, mas é uma tarefa que concordo bastante difícil para vocês do DMLU. Com relação ao contêiner, não está dando certo, porque todo porto-alegrense quer contêiner na frente da casa do vizinho, nunca na frente da sua casa. Eu recebo diariamente pedidos que, como está para ser colocado no 415, no 454 fica bem melhor. Então nós temos isso que é um problema também de difícil solução, mas não sei se seria necessário esse tal de contêiner, francamente. Não cheguei a uma conclusão ainda se não é melhor aquela velha coleta através do caminhão. Muito bem. Com relação à questão dos recursos que a Ana disse que nunca foram votados, nunca foram aprovados aqui, eu tenho votado favorável.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

VEREADOR AIRTO FERRONATO (PSB): Além de se tratar – isso são finanças – da importação de aparas que tu dizes, é preciso sim formar uma frente para ver de que maneira se trata isso. Além disso, eu acredito que é indispensável um programa de mídia publicitária de conscientização para o porto-alegrense de que

é necessária, sim, a reciclagem. E eu sou parceiro porque venho falando disso há muito tempo. Lá no início, há 30 anos, tinha uma manifestação pública maior com relação à reciclagem que hoje não tem mais, não tem mais essa publicidade nesse sentido há décadas. E o povo está acomodado, toca tudo no mesmo saco e joga na frente de casa. Aquele abraço, obrigado. “Tamo” junto.

PRESIDENTE BIGA PEREIRA (PCdoB): Nós abrimos aqui a inscrição para ver se alguém que está acompanhando a reunião gostaria de usar a palavra. A Ana está inscrita. A gente pede que seja sucinta, objetiva.

SRA. ANA REGINA MEDEIROS DE LIMA: Bom dia a todos, bom dia, vereadora, bom dia, Bosco, que é o melhor secretário do esporte que Porto Alegre já teve. A gente teve uma relação muito boa com Bosco, na época. Meu nome é Ana, mas todo mundo me conhece como Maninha Medeiros, acho que dá para ver que sou irmã da Paula. Estou hoje assessora do Leonel Radde, na Assembleia, e junto com Leonel, numa parceria junto com o Movimento, com o Fórum dos Catadores, nós criamos a Frente Parlamentar dos Catadores e Catadoras do Rio Grande do Sul. Estou tendo o privilégio de viajar o Estado para conhecer a realidade dos municípios, e como a Paula fala, nós não precisamos ir para fora do Brasil para conhecer experiências. O interior do Rio Grande do Sul, com a boa vontade das prefeituras, está tendo vários projetos em parceria com os catadores, contratando os catadores, pagando pelo serviço ambiental, entregando a coleta seletiva para os catadores, como tem em Cruz Alta, em Canoas. Então é uma coisa viável, é uma coisa possível, basta ter boa vontade, no meu entender. O DMALU já me conhece, sou meio crítica, pode ser o governo que estiver, eu sempre vou lutar pelo direito dos catadores. Sou catadora, filha de Marli Medeiros, uma das principais, trabalhei com o Pe. Antônio Cecchin, então eu conheço muito bem a realidade do trabalhador. Hoje eu tenho vergonha de levar as pessoas para conhecer os galpões em Porto Alegre, de ver a realidade dos galpões. Hoje muitos dos galpões estão virados num lixão, muitos. Visitei galpões que me deu vontade de chorar, total o abandono da assistência

da Prefeitura. Então eu penso assim, além de a gente não ser reconhecido como prestadores de serviço para a Prefeitura, de não termos o nosso reconhecimento e pagamento pelo serviço prestado, assim como qualquer outra empresa tem, nós estamos sendo totalmente e socialmente jogados à deriva. Hoje, ser catador é uma luta, vamos dizer assim, é uma ideologia, já não é nem mais só um trabalho. A gente faz todo um trabalho, a nossa família, a mãe nos deixou essa herança e a gente está tocando. Então eu peço que o DMLU convide aqui formalmente o Alceu, que eu já mandei o convite, para dia 29 de junho, quinta-feira, das 14h às 16h da tarde, nós teremos a reunião da Frente Parlamentar junto com o Movimento Nacional, o Fórum dos Catadores, alguns IFES que também no interior estão começando a fazer o trabalho com os catadores, o que está sendo muito importante. Eu tive um encontro agora no IFES Farroupilha, de São Vicente do Sul, passando Santa Maria, tinham oito prefeituras presentes nesse encontro do IF, e todas as prefeituras querendo fazer o trabalho de acolhimento aos catadores com pagamento de serviço prestado, essa é a bandeira do movimento nacional, e a gente ficou muito feliz nesse encontro. Eles estarão na nossa reunião agora do dia 29, então é uma conquista que nós estamos tendo. Aí quando eu vou falar sobre os catadores no interior, as pessoas me perguntam como é em Porto Alegre, e eu fico com vergonha de falar como é em Porto Alegre. Fico com muita vergonha, porque, realmente, era para ser o exemplo, já foi um modelo, o mundo veio a Porto Alegre para aprender como é que se fazia a coleta seletiva e como é que se triavam resíduos, como é que se fazia esse trabalho socialmente. E hoje, nós somos um dos piores lugares. Eu peço a sensibilidade da Prefeitura, convido vocês para estarem presentes, acho que é importante o DMLU estar presente nesses espaços, como o Matos diz, é uma pauta nossa. A frente parlamentar é uma frente suprapartidária, foram 19 deputados que assinaram, então, tem vários partidos assinando, mas ela é totalmente coordenada por catadores, essa foi a liberdade que o Leonel nos deu. Ele disse: “Faço a frente, mas vocês que tocam”, e é o que está acontecendo. Eu convido todos para participarem, porque eu acho que é muito importante. A gente está aí com uma campanha – depois até gostaria que os vereadores

presentes nos ajudassem a tirar uma fotinho –, uma campanha nacional dos catadores, a conta tem que fechar já, porque tem alguma coisa errada, gente, tem alguma coisa errada. Nós trabalhamos praticamente 18 horas por dia e somos os que menos ganham na ponta. Prestamos um serviço importante para a Prefeitura, e somos os que ganham R\$ 600, enquanto tem *startup* que está roubando espaço dos catadores, não tem nada contra ter uma *startup*, mas eles estão ocupando lugares dos catadores, e a conta tem que fechar. Tem, porque nós não podemos ficar na margem da miséria, que é o que está acontecendo hoje. Muito obrigada.

PRESIDENTE BIGA PEREIRA (PCdoB): Obrigada, Ana. Obviamente, surgiram aqui vários questionamentos, perguntas, inclusive, a importância, e se teriam condições, se a Prefeitura está olhando a possibilidade de organizar um banco de resíduos capaz de negociar, inclusive, melhores valores para os materiais comercializados. É possível a terceira coleta? É possível a produção de energia de biodigestores? Tem várias questões que foram apresentadas, outras tantas que nós gostaríamos também de ver e que não foram faladas aqui. Há já uma estratégia de investimento para um próximo momento, de ampliação, de relação com os catadores? De poder ter um valor condizente, fixo, inclusive, para os catadores, independente da comercialização? Essa conta precisa fechar, eu concordo, essa conta precisa fechar, e nós precisamos olhar para essa situação do lixo como uma sociedade toda que quer a preservação do meio ambiente e que sabe usar os resíduos sólidos para promover a inclusão social, inclusive, e a economia solidária a partir dos resíduos sólidos. Eu preparei, eu queria apresentar para os meus colegas vereadores, se nós podemos tirar aqui, como resolução da nossa reunião de hoje, da reunião da CEFOR, o encaminhamento de um indicativo – acho que o Matos nos traz isso, eu acho importante, Matos – ao governo federal da nossa comissão, indicar ao governo federal sobre as taxas de importação, pedido de informações à Prefeitura sobre os custos das UTs e a logística de transporte, rever o orçamento e olhar com atenção para as reivindicações do fórum, para inclusão de remuneração, como eu já falei, dos

catadores, pagando pelos serviços ambientais. E óbvio, também vocês falaram, quando o orçamento do Executivo chegar aqui, nós incluímos a demanda de a nossa comissão ter esse compromisso para com vocês de nós incluímos. Eu proponho essa resolução aos meus pares aqui.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE BIGA PEREIRA (PCdoB): Olha aí, ótimo.

VEREADOR JOÃO BOSCO VAZ (PDT): A comissão fazer uma visita ao Melo e historiar ele, com a presença do DMLU, do que é que aconteceu no governo passado, que a Câmara fez uma emenda, e, como todos os outros problemas que nós tivemos aqui, eu não vou repetir, nós nunca aprovamos nada. O Melo é sensível, ele vai entender isso aí. Não sei o que é que vocês acham.

PRESIDENTE BIGA PEREIRA (PCdoB): Positivo. Tudo certo, Ver. Robaina? O Ver. Ferronato também tem acordo. Acho que a nossa comissão tira resolução, tira encaminhamentos, e era exatamente essa a nossa expectativa deste debate de hoje. Não sei se vocês gostariam de ainda usar a palavra.

SR. VITORINO BASEGGIO: Primeiro agradecer a aula aqui do Matos e da Paulinha; a Paula eu já conheço, eu gosto quando o debate é lúcido, e aqui a coisa foi muito lúcida, Ferronato, gostei muito do que tu falasses. O nosso interesse é o mesmo. E eu até amplio, eu estou cem por cento de acordo com o encaminhamento, mas eu amplio que vocês já estão convidados, vamos retomar a comissão que nós tínhamos no ano passado, e, se quiserem, os vereadores, participarem, já estão convidados, Roberto. Nós nos reuníamos a cada 15 dias e montávamos estratégias de busca ativa para melhorar a qualidade do resíduo recolhido, porque a Paula falou uma coisa aqui muito interessante, dentre tantas coisas, nós precisaríamos ficar três horas falando sobre isso, mas a concorrência das cooperativas com o reciclador, que ela não gosta que chame de clandestina,

então vão botar os irregulares, é desleal, é desleal. Por que o que acontece? É uma coisa óbvia, Ferronato, o camarada que se antecipa à coleta seletiva, ele só pega o que tem maior valor, inclusive o senhor falou há pouco das latinhas, que é o caso. Para complicar a situação das cooperativas organizadas que alimentam muitas famílias, e concordo com o Ver. Bosco que o Melo é muito sensível a isso, e gostei muito do teu encaminhamento, pra que vocês levem esse assunto até ele, e, pra piorar a situação ainda, o governo anterior federal, que nós vamos ter que trabalhar bastante tempo pra reparar todo o mal feito, ainda baixou a alíquota de importação de quase todos esses produtos, desde papelão ao produto lá da caixa de leite, enfim, fazendo com que hoje, mesmo que nós façamos todas as políticas municipais para melhorar a quantidade e a qualidade do que eles reciclam, ainda assim eles estão recebendo 50% do que eles recebiam antes, graças a essa concorrência desleal da China especificamente, que é de onde vem, e sabemos que tem trabalho análogo a trabalho escravo lá, né, ou a remuneração muito baixa, produto que vem muito barato pra cá. Então são muitas coisas que têm que ser trabalhadas. A publicidade, por exemplo, a Prefeitura tem uma campanha aquela: “A gente vive, a gente cuida!”, que também acho que a gente tem que ampliar isso; concordo com vocês, mas, Ferronato, tem muita coisa que tem que se mudar. Ninguém tocou ainda nos contêineres né. Eu vou falar dos contêineres. Os contêineres na verdade pouco tempo deu certo em Porto Alegre, porque começa que as pessoas colocam tudo dentro do que tem aí desses contêineres, desde calça a qualquer resíduo, e isso atrai o catador que vai pra dentro do contêiner, que às vezes até quer morar dentro do contêiner, e ele larga tudo no entorno do contêiner, fazendo com que aumente a despesa da Prefeitura, porque vai ter que pagar uma outra coleta pra aquilo. E aí o Ferronato falou: “Não sei se o contêiner é melhor ou é melhor a coleta domiciliar...” Eu pensava assim; mudei de ideia ouvindo os especialistas. As pessoas acostumaram, aqui no centro, a colocar resíduo na rua a qualquer hora e a qualquer momento, independente do dia. Então não dá mais pra voltar atrás para uma coleta domiciliar, porque aí a situação vai ser muito pior. O que está se fazendo hoje, e todo mundo sabe, foi

publicado na imprensa, que a gente está restringindo o contrato com essa empresa que tem aí. Eles estão no prazo de recursos, está caminhando, está tendo um reforço da coleta domiciliar agora, porque a ideia é caminhar pra algo melhor, que é o que tu dissesse de Caxias, que acho interessante, e eu discordo – só concordo com o que o Bosco falou com relação ao governo anterior –, é uma pena, porque poucas coisas evoluíram como, por exemplo, ter dois contêineres, que talvez isso que eu acabei de falar, de tu colocar tudo dentro desse contêiner, melhorasse. Talvez não seja a solução, porque o porto-alegrense realmente regrediu nessa questão da separação do lixo. E tem vários aspectos; eu vou encerrar, porque a gente poderia se alongar, a gente vive o dia a dia na cidade, o foco de lixo, a drogadição, o roubo de tampas de bueiro, é vendido pra quem? Pra esse cara que quase escraviza o alternativo, que é o que a cooperativa não permitia isso. A cooperativa, hoje, esse camarada que vende, troca por pedra, fios, cabos, boca de lobo, num contexto muito maior que a gente vive, não só no município de Porto Alegre, ele vende pro mesmo cara que explora aquele que cata a garrafa *pet*, a latinha e que compra clandestinamente, que a gente está tentando combater através de ações de segurança. Então está aberto, e eu estou cem por cento de acordo que seja um debate plural, que se envolva todos, Roberto, todos vocês, para que a gente evolua, porque isso não é uma política desse governo. A Paula falou a verdade, isso já vem há tantos anos, de tantos governos e partidos diferentes. Isso é uma questão social. Isso é muito maior do que o governo que está aí. Obrigado.

PRESIDENTE BIGA PEREIRA (PCdoB): Obrigada. É, de fato, a gente fez um debate legal, mas eu não posso, meu querido Ferronato, eu não posso deixar que a nossa reunião acabe e que fique a sensação de que nós estaríamos responsabilizando a sociedade por um problema que não é da sociedade. É uma questão...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE BIGA PEREIRA (PCdoB): Também quando não tem, como a gente diz, não é meu colega Ferronato, quando a gente diz que a política é feita de escolhas, quando se decide colocar apenas um contêiner e não faz a mudança com campanhas educativas junto, são coisas descoladas. Quando a Ana Paula nos traz que tudo foi feito pelo poder público e entregue aos catadores, não convidaram os catadores pra serem participantes da elaboração. Portanto, eu gostaria de encerrar o nosso debate; óbvio que ele não se encerra; nós temos muitos outros assuntos dentro deste tema pra serem tratados, contribuições; a gente viu quanta contribuição aqui chegou. Lógico que eu concordo com o Ferronato, que, sim, nas nossas casas, a gente sabe que a gente tem que estar o tempo todo tentando educar as pessoas de fazerem a reciclagem, mas hoje já há pesquisas que nos indicam que, em Porto Alegre, dois terços da população já sabem reciclar. Já sabem! Vamos lá! Cadê as campanhas para ajudar com que a população não seja responsabilizada, mas que chame a população para parceira – para parceira – disso. Quando eu falei aqui, gente, Ver. Bosco, da terceira coleta, é no sentido sim da gente aproveitar ao invés de estar mandando esse lixo orgânico lá pra Minas do Leão, nós poder aqui tratar desse lixo, e que ele vire um biodigestor. Olha aí! Então ideias têm, gente, eu acho que é nós sentarmos e apresentarmos modernização para esse sistema das UTs, linhas de financiamento, por exemplo, na compra de equipamentos, melhoria desses espaços físicos com EPIs, por exemplo. Não a gente ver fechar algumas ETs por que não têm EPIs. Vamos lá, a Prefeitura tem que mobilizar a sociedade; é o poder público, é a sociedade, os catadores serem chamados para essas resoluções. Eu vejo aqui, por exemplo, projetos de hortas comunitárias, que contribuem também pra esse debate. Então é isso, gente; eu acho que a gente tem que também debater o reaproveitamento de água, por exemplo. Então tem muitos assuntos. Eu, antes de encerrar, eu tenho que passar aqui pro meu colega Ferronato.

VEREADOR AIRTO FERRONATO (PSB): Só pra dizer que quem trouxe a questão da não coleta seletiva dentro de casa fui eu. E eu ainda compreendo

que um programa que existe há 33 anos, e o porto-alegrense ainda não aprendeu que existe coleta seletiva, é difícil. E eu quero dizer que o maior desperdício do resíduo reciclagem não acontece na periferia. Ele acontece é na cidade melhor organizada e de melhor poder aquisitivo. Não vou dizer então outras coisas, mas dizer que é um povo acomodado e que não se preocupa com aquele que mais precisa. Eu compreendo isso assim, quando se trata de reciclagem de lixo. Aquele abraço.

PRESIDENTE BIGA PEREIRA (PCdoB): Então a gente agradece aqui aos nossos convidados que se dispuseram a dar essa aula que a gente teve; a quem nos acompanhou; nós terminamos aqui, e o que mais se debateu é a necessidade da campanha de educação ambiental e da separação dos resíduos...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE BIGA PEREIRA (PCdoB): Exatamente. Nós vamos propor isso. Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos da presente reunião.

(Encerra-se a reunião às 11h35min.)